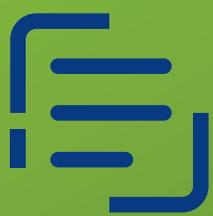


# CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO SÃO FRANCISCO

Comunidade  
Quilombola  
Pesqueira  
Vazanteira de  
Caraíbas

6



boletim  
informativo



CARTOGRAFIA DA  
CARTOGRAFIA SOCIAL



Participantes da Oficina (Alzení Tomáz, 2015)

**CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências**

**Coordenação Geral**

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
Cynthia de Carvalho Martins  
Rosa Acevedo Marin

**CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO SÃO FRANCISCO**

Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas

**Equipe de Pesquisa:**

Alzení Tomaz (CPP e SABEH)  
Rafael Santos (CPP/MG)  
Paula Cordeiro (CPP -BA/ UFBA)  
Letícia Rocha (CPT/ OPARÁ – UNIMONTES)  
Neusa Nascimento (CPP/MG)  
Gilmar Santos (CPP – BA)  
Priscila Malafaia (CPP)

**Elaboração do Mapa**

Paula Cordeiro, Alzení Tomáz, Letícia Rocha, Rafael Santos

**Fotografias**

Alzení Tomaz  
Arquivos do CPP-MG  
Arquivo da Comunidade Caraíbas  
Letícia Rocha  
Priscila Malafaia

**Projeto gráfico:** Philippe Teixeira

**PARTICIPANTES DA OFICINA**

Adrielle dos Santos (7 anos)  
Agenor Pereira Mendes – Seo Nô (68 anos)  
Caio Dias Sousa (2 anos)  
Cayck Dias de Sousa (2 anos)  
Ediele Cauãne Santos Silva (9 anos)  
Geraldo Batista dos Réis – Maninho (62 anos)  
Gercino Evangelista de Sousa – Davi (52 anos)  
Hélio Francisco Lima – Nilo (58 anos)  
Hermes Batista Pinheiro (39 anos)  
Joao Batista Antônio Silva – Binha (41 anos)  
Joao Carlos Antônio da Silva – Cal (40 anos)  
José dos Reis Batista de Oliveira (16 anos)  
José Ranulfo Moreira de Souza – (43 anos)  
Josemar Alves Durões (56 anos)  
Luciana Rodrigues dos Santos (35 anos)  
Luiza Rodrigues dos Santos (63 anos)  
Maria de Fátima Gonçalves Aquino (45 anos)  
Marilene de Oliveira Mendes - Lena Guacho (42 anos)  
Maximiliana Antônia Dias da Silva Souza – Suta (39 anos)  
Nélio Francisco Lima – (57 anos)  
Paloma de Oliveira Santos (14 anos)  
Rogério da Conceição Silva (33 anos)  
Rogério Junior Santos Silva (3 anos)  
Rosilene Madureira Silva – Tita (33 anos)  
Sandro Luis Rodrigues da Silva – Tito (27 anos)  
Sheila Bispo Cardozo (28 anos)  
Taigom Jorge Rodrigues Andrade (13 anos)  
Valdir Bispo dos Santos – Nego Tim (52 anos)

**Ficha Catalográfica**

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências / Cartografia dos povos e comunidades tradicionais do Rio São Francisco - Comunidade Quilombola pesqueira vazanteira de Caraíbas. – N. 6 (Jan. 2017) –. – Manaus: UEA Edições, 2017.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN: 2525-9598

1. Cartografia. 2. Comunidades tradicionais. 3. Quilombolas – Rio São Francisco. I. Título.

CDU: 528.9.912

## **SOU QUILOMBOLA VAZANTEIRO E A PESCA É QUE REPRESENTA MAIS AINDA O QUE SOU**



O Rio São Francisco e o Modo de vida pesqueira (Alzení, 2015; Letícia Rocha, 2013)

|| Vivo há 35 anos nessa comunidade, nasci e criei aqui. Meu pai nasceu e criou aqui, meu vô nasceu e criou aqui, minha vó, também nascida e criada aqui nessa comunidade. Meu vô quando morreu tinha faixa de quase 90 anos, já tem 29 anos que ele morreu, enterrado aqui nessa comunidade, ele tá plantado ali mais em cima. A gente foi criado, a gente sabe pescar, trabalhar é isso que a gente faz, é isso que a gente sabe fazer”.

*Luciana, 35 anos*

|| Nasci na barranca do Rio São Francisco, fui criado pescando trabalhando nas roças né, com meus pais né? Também tem 20 anos que moro aqui, e minha esposa é da família, é daqui do pessoal, é parente, prima né do pessoal. Meu sogro foi criado aqui, são todos parentes e eu me sinto também da família. Sou pescador e gosto do que eu faço. Gosto de pescar, gosto de trabalhar na roça e tudo. Eu fico feliz por isso”.

*Ranulfo, 43 anos*

|| Nasci e criei aqui nessa comunidade, morei em Maria da Cruz um tempo, mas agora retornei à comunidade. Meus pais meus avós são tudo daqui da comunidade. E meu pai foi praticamente expulso daqui, porque na época eles<sup>1</sup> tiram ele daqui sem direitos, ele trabalhou muito, muitos anos, mais de 50 anos aqui, aqui nessas terras e para ir embora para Maria da Cruz ele teve que tirar o telhadinho para levar, porque ele não teve direito, assim, de uma, sem direito nenhum na época. E graças a Deus estamos aí, ele venceu a luta, estamos aí lutando pela mesma causa. E é isso. Muito obrigado para você”.

*Gercino, 52 anos*

|| Sou filho de Zé de Terenço<sup>2</sup>. Nasci e criei aqui nessa comunidade. Meus pais, meus avós são tudo daqui da comunidade. E meu pai foi praticamente expulso daqui, porque na época que os fazendeiros expulsaram eles daqui, tiraram deles os direitos”.

*Gercino, 52 anos*

|| Meu avô chegou aqui em 32, minha mãe nasceu aqui na comunidade, cresceu, casou, me ganhou aqui. Aí nós descemos para a Bahia, voltei de novo pra cá com a idade de 8 anos, estou com a idade de 57 anos já. E estou continuando na comunidade. Só. Sou pescador e trabalho em roça também. Sempre fui pescador a vida toda mais de profissão é desde 2004 pra cá”.

*Nélio, 57 anos*

1. O depoente se refere ao fazendeiro, por ocasião do processo de expropriação da comunidade.

2. Zé de Terenço, é também o nome de um dos principais sangradouros dentro do território da Comunidade. Os Sangradouros foram nomeados a partir de um terminado fato ocorrido ou recebeu o nome de um morador antigo, um dos primeiros a morar nas proximidades do sangradouro.

|| Sou aqui dessa comunidade, sou pescador, trabalho na pesca, trabalho com roça também. E nascido e criado. Nasci em Januária, mas com um ano e quinze dias vim para cá e estou até hoje, graças a Deus sobrevivendo aqui e pretendo sobreviver, ajudo na organização da comunidade né. E estamos aqui na luta para vencer o nosso território”.

*Rogério, 33 anos*

|| Sou nascido aqui da comunidade Caraíbas. Meus pais meus avôs, foram tudo criado aqui, aí meu pai casou e continuou sempre aqui. Tem cemitério aqui que tem irmão que foi sepultado aqui. E foi destruído pelos grandes fazendeiros. E aí a gente ficou aí meio... meio desamparado, só aqui depois agente foi conhecendo os direitos que a gente tem e conseguimos afirmar ainda mais a resistência aqui. Trabalho na área de pesca, sou quilombola, também trabalho com roça, também como vazanteiro. Mas, a pesca é o que representa mais ainda o que sou”.

*João Carlos, 40 anos*

|| Eu nasci e criei nesta comunidade. Assim como meu pai, meus avôs, meus bisavôs. Criei meus filhos aqui, pescando, mexendo... trabalhando nas vazantes. É também colhendo frutos aí da caatinga como umbu. Pegando peixe nas lagoas. A gente aqui faz de tudo um pouco, né... fazemos remo, fazemos pilão, fazemos outras coisas que é de subsistência da comunidade. E para mim é uma grande satisfação saber que na década de 70, como já falou aí houve um grande esbulho na comunidade, 60 famílias moravam aqui e foram expulsos para uma ilha pelo fazendeiro e hoje a gente empoderado de conhecimento, dos direitos, conseguimos em 2013 retomar o território. E é, pra mim é muito satisfatório saber que esse povo, muitas pessoas que estavam dispersas, na época de esbulho, consegui chegar até eles a retomada do território e estão aqui de volta contribuindo com a luta do povo”.

*João Batista, 41 anos*

|| Eu também nasci aqui e não fui criada totalmente, mas eu cresci parte do tempo, da minha infância aqui. E meus pais conta que eles foram expulsos daqui, isso dar raiva dentro da gente pela covardia que eles<sup>3</sup> fizeram com eles. E hoje a gente teve essa oportunidade de voltar e lutar com garra para nós conseguir o que eles tomaram de nós”.

*Maximiliana, 39 anos*

3. A depoente se refere ao fazendeiro

|| Meu nome é Marilene, moro aqui na comunidade, sou nascida e criada na beira do rio São Francisco, filha de pescador, neta de pescador e sou pescadora”.

*Marilene, 42 anos*



Oficina da Cartografia (Priscila, 2015)

## A CULTURA DE VAZANTE

|| Vazante e lameiro é uma coisa só, começo de ilha, vazante é quando a ilha está em parte, vazante é chamada normalmente quando a ilha está com a parte baixa bastante úmida o ano inteiro, não precisa de irrigação, qualquer coisa que você planta ela dar e dar com abundância. A vazante vai se aumentando ao longo do tempo com a vinda de sujeira da água, à medida que ela pega um nível mais alto, que a umidade fica em baixo, que você vai plantar em cima, aí você tem um outro plantio que é o plantio do alto, mesmo na vazante é plantio do alto, que é só em período de chuva. É importante que é uma terra muito fértil, você faz tudo sem precisar de agrotóxico, sem precisar de veneno, não usa trator, não usa nada. A comunidade ainda tem esses costumes, até porque não tem condições financeira de mexer com esses outros modelos. Trabalha é na enxada

## CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO SÃO FRANCISCO

Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas

mesmo, é na foice, é enxidão, é essas coisas. Usa adubo natural que é o esterco de gado, urina de vaca para combater praga, chorume de fumo muita gente usa. O sabão com querosene para derrubar o pulgão. Esse negócio é bem práticas que o pessoal usava antigamente e nós usa ainda hoje. Na verdade o pessoal tem até medo de veneno”.

*João Batista, 41 anos*

Então, porque de vazante? O rio enche, lava toda aquela ilha, então quando o rio vaza aí é que dar o nome de vazante. O rio vazou, então o que nós fazemos lá? Usar a foice quando o rio tá enchendo que é para a terra fica pronta, pra quando o rio banhar, que desce, o rio vaza aí agora, é que nós começa a plantar. Ai o que acontece é que nós não vamos precisar de irrigação, a irrigação já é do rio. Como o rio não enche mais a ilha, matematicamente morto, as vazantes estão se acabando, não está mais existindo vazante. Os vazanteiros é porque nós somos teimosos e aí nós ainda temos a pesca, como o rio também está defasado, tudo tá ficando difícil”.

*Valdir Bispo, 52 anos*



A cultura de vazante e de Pesca artesanal (Arquivo da Comunidade, 2014; Letícia Rocha, 2015)

## SOMOS TODOS QUILOMBO... MINHA VÓ NÃO CANSAVA DE CONTAR ESSE CASO.

Eu era pequena, mas eu vi minha vó contar que, antigamente o pessoal colocava o pessoal para trabalhar na força pra ganhar um prato de comida. Mas era assim, se chegasse onze horas e não tivesse terminado o serviço, tinha que terminar, tinha que trabalhar até terminar o serviço para ganhar esse pratinho de comida. E também, as vezes a pessoa trabalhava para poder levar para casa também. A pessoa comia lá e queria levar para a família. Quando era no final da tarde eles pegavam o resto de comida, daquela pessoa que já tinha almoçado no horário, pegava e colocava tudo na vasilha e dava para o pessoal que ia no final da tarde, e eles levavam para a família deles na casa para comer com o resto da família. Minha Vó não cansava de contar esse caso. Isso era do mesmo jeito que escravidão num era?”.

*Luciana, 35 anos*

Acredito que da forma que o Estado coloca para nós, ainda somos escravos, escravos do estado, uma vez que não temos a liberdade total. Eu vejo aí que as leis do Brasil domesticam a gente, coloca agente na posição de um animal domesticado na corda, faz o que é certo para o Estado, e não a vontade do povo. O povo não tem a liberdade de viver no seu lugar. Ainda não tem, começa a construir uma outra sociedade diferente agora, mas ainda é muito forte, o Estado é quem quer determinar o que você quer fazer. Você não tem liberdade. Pra mim isso é muito forte”.

*João Batista, 41 anos*



Modo de vida das Meninas – Mulheres anciãs da Caraíbas (Alzeni, 2015)



Figura 5 B: Construindo um barco (Letícia, 2016)

## NÃO ERA AQUELA ESCRAVIDÃO DE CHICOTE, MAS ERA ESCRAVIDÃO

Contavam pra gente que não tinha hora de começar o serviço e também nem de sair. Era obrigado a trabalhar sem receber comida, a pessoa não tinha a liberdade, o senhor é quem determinava o que ele tinha que fazer, e ele tinha que cumprir aquilo ali”.

*João Batista, 41 anos*

Isso até mesmo, depois que aconteceu a libertação, no Brasil não podia ter mais escravidão, mas a diferença arrastou do rico, do branco do preto e do pobre, ficou aquela coisa que ainda continuava a escravidão. No nosso caso, aqui não era aquela escravidão de chicote, mas era escravidão”.

*Ranulfo, 43 anos*

Tinha um sistema que meus pais costumavam fazer com nós, com meus irmãos, era colocar uma vasilha grande para todos comerem. Então faziam isso com os escravos, colocava uma vasilha grande para todos comer, não dava um prato para cada um. Então, ficava aquela baciona, todo mundo comia ali igual porco. Eu cheguei a comer com meus irmãos, minha mãe coloca a bacia para nós comer juntos, cada um comia puxando o do outro, era como eles conhecia”.

*Ranulfo, 43 anos*



Figura 6: Moradia de Caraíbas (Alzeni, 2015)

## O TERRITÓRIO... É O LUGAR DA VIDA TODA, VIVE-SE NELE PELA TRADIÇÃO



Alimento e Tradição, modo de vida Quilombola (Letícia, 2016)

|| Voltar para o lugar é tão importante para a gente. Eu já nasci lá na ilha, mas eu via meu pai chorar, eu vinha mais meu pai pegar lenha, as vezes pescar desse lado de cá. E depois do meio dia a gente ia embora, ele chamava para comer um pedaço de rapadura, para nós acabarmos de chegar em casa. E ele falava assim, aí começava a escrever no chão “se eu fosse um homem que tivesse condição de pelo menos fazer um

financiamento no banco, eu ainda ia ser enterrado aqui”. Eu falava – “porquê pai?” Ele respondia – “é porque aqui foi onde nós vivemos toda a vida nossa, nós vivemos aqui, seus tios seu avô, seu povo (choro) eles nasceram e se criaram aqui, agente viveu a vida inteira aqui, depois não sei como tudo aconteceu de repente que chegou um suposto dono aí, e a gente teve que sair daqui, o lugar que eu morava é bom – na ilha – mas se eu tivesse dinheiro, nenhum outro lugar servia para mim poder acabar meus dias de vida, só servia aqui”. Eu nunca esqueço disso.

*João Batista, 41 anos*

|| Isso aqui era mata, os fazendeiros tiraram a comunidade daqui e meteram o trator... além de sair os donos daqui ainda saíram as arvores que seguravam as beiras do rio. O pai de João chorava porque isso aqui era do bisavô dele ou do tataravô, a família dele inteira foi nascida e criada ali. Chegou o homem e disse não – você tem que ir embora, toma um dinheiro, esse dinheiro não dava para comprar uma casa na cidade para colocar os filhos debaixo, mas infelizmente ele ia fazer o que? Lei não tinha quem fazia as leis eram eles. Agora a gente já está vendo alguma coisa, com o movimento<sup>4</sup>, e vendo que nós temos direitos

*Valdir, 52 anos*

|| O fazendeiro conhecia a fraqueza da gente, ele chegava e dizia: eu comprei tudo isso. E perguntava se as famílias tinham documento, eles não tinham, viviam ali na tradição. Tinha fazendeiro que se fazia de bonzinho e dizia, isso aqui tudo é meu – eu vou deixar você morando aqui, vocês vão trabalhar para mim, fiquem aqui nessa área como agregado. E o pessoal ficava ali, se fosse tirar uma madeira para fazer uma canoa tinha que pedir para eles, e ficavam morando no cantinho como se fosse agregado e emprestado para trabalhar pro dono. Esses eram os bonzinhos, os outros chegavam com o trator e derrubavam tudo

*Ranulfo, 45 anos*

|| Tem pessoas da comunidade que gostaria de voltar, está dentro do território, mas não vem por motivo de saúde, temos um tio em Maria da Cruz, que é irmão do meu pai. Quando a gente retomou o território ele fez questão de fazer uma visita, ele disse que não consegue mais trabalhar na terra, mas fica feliz porque o lugar dele ser enterrado está garantido

*Rogério, 33 anos*

4. O depoente se refere a participação da comunidade no MPP – Movimento dos Pescadores Artesanais do Brasil

|| É nosso território, que a gente conhece como lugar de morada. A palavra território, a gente começa a usar em 2013, quando a gente começa a se relacionar com o CPP, com o movimento dos pescadores”.

*João Batista, 41 anos*

## O RIO VIVE MORRENDO E O CERRADO TAMBÉM

|| O rio vive morto através de nossos políticos mesmo, esses políticos Aqui da região todos tem um açude nas fazendas deles, e essa água represada, podia está caindo dentro do rio. Nós conhecemos por aqui fazendeiro, que é ex-prefeito e que na fazenda dele tem uma reserva de água que ele represou do Rio Empoeira<sup>5</sup>. Esse rio hoje não existe mais acabou”.

*Valdir, 52 anos*

|| A gente está acostumado a dizer que o problema do Rio é a seca, mais nós estamos acostumado com a seca, mas não com o perigo tão grande que corre o São Francisco e as pessoas que vivem perto dele. Uma coisa é você não ter água, outra coisa é ter pouco água em um processo de envenenamento. A natureza não envenena ela mesma. Porque não tem chovido tanto, talvez em resposta a degradação forte que tem sido feito nas nascentes. Cadê os cerrados nossos? Não tem mais cerrado, acabou tudo. Partido daí diminui o volume de chuvas, o pouco de água que tem, as empresas envenena, mas não é só as empresas é o governo também que financia grandes valores para as empresas, para os capitalistas fazerem a desgraceira. E isso rola muito dinheiro, agora pergunta se para as comunidades tem? Tem um negócio que fala de revitalização do rio São Francisco, mas até agora a tal da revitalização não existe, quem revitaliza o rio é ele mesmo e Deus. É mais uma forma que eles encontraram para comer o dinheiro do povo”.

*João Batista. 41 anos*

## O REMÉDIO DO RIO SÃO FRANCISCO É O NOSSO MODO DE VIDA

|| Esse rio que já foi outrora muito abundante, muito farto, hoje ele agoniza e os pescadores agonizam junto com o rio, porque a medida que a situação do rio vai ficando ruim, a nossa vai ficando ruim junto com ele. E a gente faz uma luta pra conquistar esses territórios, faz uma luta para fazer essa revitalização porque nós não queremos outra vida a não se essa de pescar. E a gente sabe que tem remédio porque tudo tem conserto”.

*Josemar, 56 anos*

|| Só que ninguém bate nessa tecla de fazer a revitalização de recuperar os estoques e a gente acha que o rio está destinado para o modelo econômico. Eles não enxergam o rio para produzir água, enxergam para produzir outras coisas, energia. E o modelo tradicional das pessoas ribeirinhas que existe não é considerado para o modelo desenvolvimentista deles. A gente vê algumas ações de recuperação, mas essas recuperações partem desse povo, do seu saber, do seu jeito de fazer as margens. E esse povo por fazer esses modelos, são até tachados de destruidores. Mas a sabedoria desse povo diz que não impacta aquilo que a gente já tem centenas de anos nessa beira e esse modo de vida nunca ameaçou o rio. Outros fatores externos que não tem a sensibilidade dessas pessoas (ribeirinhos) aí sim, a gente tem medo porque é o modo que não considera o jeito tradicional, não tem essa sensibilidade de lidar com as águas, com aquele ciclo que tem e principalmente essa questão que o mundo está desequilibrado. Essa questão da mudança climáticas está mudando tudo. A gente sabia o período da chuva e hoje não sabe mais”.

*Josemar, 56 anos*

---

5. Rio Ipueira

|| As vezes na seca nós estamos tendo cheia, que não é da chuva são as operações de barragem entre outros fatores externos que desequilibra toda uma cadeia dos peixes, da desova e isso é tudo alterado. E isso vem causando impactos que está diminuído o pescado, os berçários não são mais atingidos pelas águas e isso tem atingido seriamente a quantidade de peixe e espécies. Eu quando era pequeno tinha as veredas os regatos que tinha algumas espécies de peixes que hoje já não vejo mais. A gente nem sabia os nomes das espécies de peixes que tinha, mais tinha os nomezinhos que as comunidades davam. Mais esses peixes estão praticamente extintos, mas ainda tem muitas espécies no São Francisco. Temos umas com mais abundâncias que se reproduzem com mais facilidade, outras já bem vulneráveis, mas as pessoas ainda sobrevivem. Hoje já com dificuldade da pesca. A gente diz que o pescador também éartiloso. Eles dão seu jeito para continuar vivendo nessas barrancas. Ele tem outras formas de fazer e viver que quando eles sentem a pesca no estado de dificuldade, a própria natureza faz com que ele dê outros pulos e resolva o problema não só na retirada, mas também com outras alternativas de sobrevivência”.

*Josemar, 56 anos*

|| A gente que nasceu e criou na roça não acostuma na cidade. Eu tenho 35 anos eu quando vou pra cidade, quando fico na cidade, eu fico doente. Quando eu chego aqui na roça, eu melhora sem nada, só o ar mim melhora. Então o remédio é o lugar é a vida que a gente tem aqui. É o sossego, é a paz. Então pra gente que nasceu aqui é um orgulho. Eu sinto muito, porque eu não sei ler nem escrever. Perdi minha infância toda, não tive participação dos coleguinhas, de brincar com os coleguinhas porque quem ficou aqui foi só minha família. Fui criada aqui de um jeito que a gente não tinha colega pra brincar, fui criada sozinha né?”.

*Luciana, 35 anos*

|| A gente tinha uma abundância muito grande de peixe e essa abundância sendo ameaçada. Eu não diria pelos pescadores, mas por outros empreendimentos que poluem e pela própria questão da destruição da natureza, da destruição das nascentes e isso vem impactando seriamente a pesca artesanal. Esse rio que já foi outrora muito abundante, né? Muito farto, hoje ele agoniza e os pescadores agonizam junto com o rio porque a medida que a situação do rio vai ficando ruim, a nossa vai ficando ruim junto né?”.

*Josemar, 56 anos*



As Meninas/Mulheres mais velhas do Quilombo (Alzení, 2015)

# Comunidade Quilombola, Pesq Vazanteira de Caraíbas

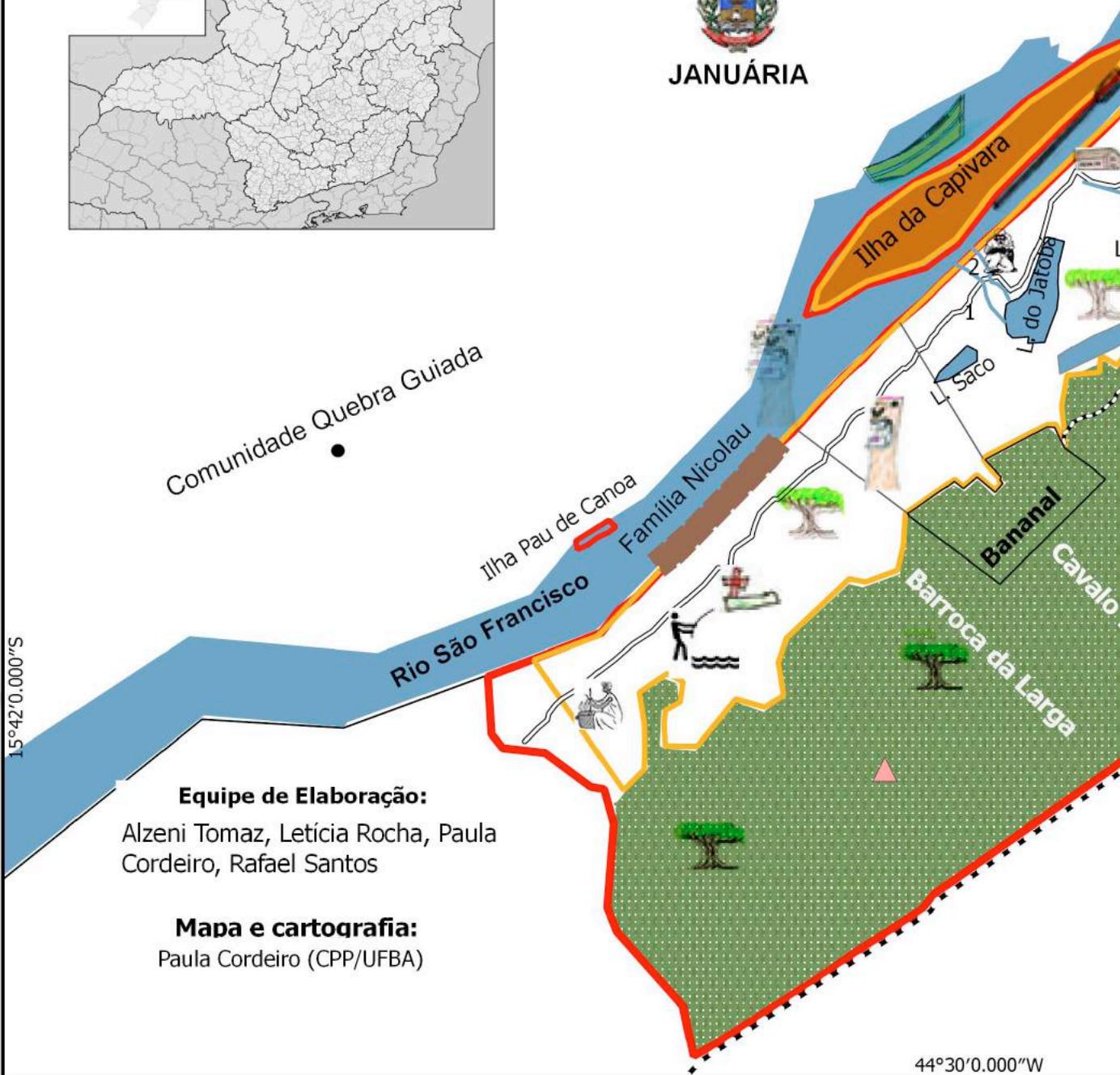
15°36'0.000"S

44°30'0.000"W

## Localização:



JANUÁRIA



Comunidade Quebra Guiada

**Equipe de Elaboração:**  
Alzeni Tomaz, Leticia Rocha, Paula Cordeiro, Rafael Santos

**Mapa e cartografia:**  
Paula Cordeiro (CPP/UFBA)

44°30'0.000"W



## TRADIÇÃO E MITO

|| A lagoa branca era rente com o rio, se o rio enchesse ela enchia, se o rio vazava ela também vazava. É a história que os antigos contavam. A lagoa branca fica perto do remanso”.

*Lena, 42 anos*



As Meninas/ As Negas de Pedro Nicolau (Letícia, 2013)

|| A lagoa branca fica acima dos pedrões. Os pedrões ficam de frente aqui”.

*Agenor, 68 anos*

|| Nessa Lagoa Branca tinha uma mãe d’água que saiu, porque antigamente veio uns pescadores e pegou ela ainda era criança, era filhote. Você sabe como é mãe d’água? A metade gente e a metade peixe. Tiraram ela daí, é a sereia como diz o povo. Um povo fala sereia, nós fala mãe d’água. Tiraram ela da lagoa e acabou o encanto da lagoa. É igual no rio pardo. Na boca do rio pardo ali tem um encantamento. Eu falo com vocês que o caboclo d’água existe porque eu já vi. Eu já vi quando eu pescava ali nas mangueiras, ele vinha e enrolava minha rede. Eu conversava com eles para soltar minha rede, desamarrar para mim pescar. Se não eles não deixavam eu pescar, meu irmão já viu e meu pai também, que morou lá. Eles é desse tamaninho. É o cabloco d’água, como diz o pessoal”.

*Lena, 42 anos*

|| Eu, é o seguinte, na beira do rio onde eu moro, eles ainda vão. Eu trato deles, eu ponho fumo e cachaça. Tem muita gente que diz que é mentira, mas eles existem e estão lá. Eles gostam muito de fita vermelha, cachaça, eles bebem. Eu coloco para me proteger, na pesca, como minha labuta é no rio, eu mexo é com pesca. Aí eu peço permissão para eles porque quem manda na natureza é eles. Entendeu? No fundo d’água quem manda é eles, mais ninguém. Ninguém tem como dizer, eu vou mandar no fundo da água. Quem manda é eles. Por isso que agente agrada, porque são pescadores, é marinheiro, andam na margem do São Francisco, que é o rio, a gente tem que pedir para eles permissão e proteção. A função deles é essa mesma, controlar o rio. Agravou eles, eles se vingam mesmo. Aqui nessa pedreira tem a mãe d’água. Então todos devem respeito para os encantos”.

*Agenor, 68 anos*

## CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO SÃO FRANCISCO

### Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas

|| Eles moram nessas beiradas de água. São os encantos minha fia. São os encantos, mas, nós não desobedecemos eles não porque eles são os donos desse lugar. Eles que protege nós. Precisa de ter respeito. Precisa muito respeito”.

*Maria, a menina/ a nega de Pedro Nicolau*



Promessa Dança de São Gonçalo na Comunidade de Caraíbas (Foto: Arquivo da Comunidade, 2015; Letícia, 2015)

|| A cultura da folia, ela é uma tradição já vem desde o avô de nós. Só que eu quando fui entrar nessa tradição já tinha 25 anos. Já tinha recasado, inclusive eu aprendi com o povo deles aqui mesmo, os Lídia Na folia deles. Na época que eu sai pela primeira vez foi de sanfona, depois de sanfona eu fui tocar viola, e viola eu tô até hoje. Mas a tradição foi começada desde de avô, bisavô, pai. Pai era imperador de caixa. Mas naquela época nos era tudo pequeno. Mas depois de 25 anos eu fui chegar à conclusão de aprender. Chegava um marcador aqui eu ia dançar (me chamava) eu ia. E hoje (a primeira vez que cantou o São Gonçalo), eu marquei um sozim, representei um. De um que fiz a representação já fui marcar outro, e de outro já vai”.

*Seo Agenor, 68 anos*



Estaleiro dos pescadores (Alzení, 2015)

## ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

|| O fazendeiro vem empatando a gente de passar ele. Colocou cerca numa estrada que era centenária. Essa estrada aí tem mais 90 anos, porque quando meu vô morreu já dizia que tinha essa estrada. Meu avô conta que o fazendeiro quando chegou já tinha essa estrada, então ela tem mais de 300 anos. O Fazendeiro cercou e ninguém mais passa e isso está aí até hoje, já tá na justiça”.

*Luciana, 35 anos*



Figura 12: Etnomapa do território de resistência e a luta do movimento por reconhecimento e demarcação do território (Alzení, 2015; Arquivo CPP-MG, 2014)

|| Vamos ficar aqui para o que der e vier. Não vamos sair daqui de maneira nenhuma. Isso é gratificante! Criar meus filhos aqui. Não está melhor na vida mas assim, estou feliz porque meus filhos tá estudando, embora seja um transporte precário, sem nenhuma segurança. Quando o rio tá vazio o transporte fica aí se virando ao tempo de rumar (bater) pelas coroas (bancos de areia no meio do rio) ao tempo de virar e matar as crianças. Mas a gente reza toda noite para que Deus abençoe para arrumar essa estrada saia”.

*Luciana, 35 anos*

|| Agente está aqui acampado aqui em Caraíbas, que é a parte mais alta. Essa área de terra aqui até aqui foi onde teve a resistência do pessoal mais velho da comunidade, que não saiu na época da repressão, na década de 70, continuaram aqui. E estão encurralados aqui pelos fazendeiros. Tem aqui a vazante, e esse pessoal estão nesse pedacinho de terra aqui sem poder avançar para cá, porque aqui o fazendeiro disse que é dele. Hoje tem a TAUS que faz aqui, mas eles ainda não conseguem avançar. O que eu sabia aqui, os meninos, está mais ou menos aqui nessa ligação aqui. No pedaço de Nicolau está os filhos dele e as meninas – eles foram que seguram todo esse pedaço do outro lado. Aqui já conquistamos o direito através da TAUS, mas, queremos a regularização de nosso território por completo”.

*João Batista, 41 anos*

|| Sou pescador. Estou aqui na comunidade de Caraíbas. Faço parte do Movimento Nacional dos Pescadores e estamos na luta pelo território pesqueiro. Caraíbas é o primeiro território que a gente conseguiu o Termo de Autorização de Uso Sustentável no estado de Minas Gerais, isso é importante porque a luta aqui pelo reconhecimento e delimitação do território quilombola pesqueiro. A luta é essa”.

*Josemar, 33 anos*

6. O depoente está descrevendo o Etnomapa depois do mutirão de construção.

## CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO SÃO FRANCISCO

### Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas

O TAUS garante a nossa comunidade o uso para moradia, pesca e agricultura sustentável de uma área de 2.043,45 hectares. As terras são todo patrimônio da União, já que fazem parte de terras que margeiam o rio São Francisco.



Figura 13: Horta comunitaria agroecologica (Alzení, 2015)



Figura 14: Construção do etnomapa (Alzení, 2015)

## CANTANDO A RESISTÊNCIA

### **Caraíbas - renascendo das Cinzas** (Letra e Música: Ranulfo)

Tudo aconteceu tão de repente/ o latifúndio feito  
fera/ destrói a terra, os sonhos e a nossa gente/ Foi  
um dia triste/que aconteceu, / a natureza chorou, /  
tudo acabou.

Caraíbas terra amada/ que nos dar o pão/ dela  
colhemos o fruto/ que alimenta a nação. / Caraíbas,  
Caraíbas/ sobreviveu/ com a sobra das cinzas/  
renasceu.

Mas brilhou uma luz tão singular, / seus filhos se  
erguem de novo/ e começam a lutar. /O cenário  
então mudou. / Da terra, então surgiu/ guerreiros  
valentes e fortes/ que não temem a morte.

Caraíbas terra amada/ que nos dar o pão/ dela  
colhemos o fruto/ que alimenta a nação. Caraíbas,  
Caraíbas/ sobreviveu/ com a sobra das cinzas/  
renasceu, renasceu, renasceu.





## CONTATOS:

Associação Quilombola Pesqueira, Vazanteira de Caraíbas

SABEH – Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (Núcleo I da Cartografia Social do São Francisco)

Av. Maranhão, 1158 Casa 2 – Fazenda Chesf, Paulo Afonso/BA. CEP: 48. 600 - 000

Tel.: (75) 3281-0848

<http://www.sabeh.com.br/>

Conselho Pastoral dos Pescadores Minas Gerais

Rua Vinte Um de Abril, 145 - Centro

Buritizeiro - MG

Telefone: (38) 3742 2237

E-mail: [cppminasgerais@gmail.com](mailto:cppminasgerais@gmail.com)

Realização:

Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas

Apoio:



Irmãs da Divina Providência

1. Ribeirinhos em Defesa do Rio Tapajós - Comunidade Pimental - Trairão e Itaituba • PA
2. La Marina - Barrio, Identidad, Religión y Tradición • Cuba
3. Iroko, El Espíritu de lo Sagrado - Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Habana • Cuba
4. Cartografia Social de Trindade - A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade - Paraty • RJ
5. Comunidades Quilombolas do Jalapão - Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação • TO

**6. Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco - Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas • MG**



### Realização:

Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas



FORD FOUNDATION

